

EUGÉNIO LAPA CARNEIRO
DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

UMA CARTA DE AMOR

(SÉCULO XVIII)

7

BRAGA
1965



3)
21.134.3-6.09
AR

1870
1871
1872

UMA CARTA
DE AMOR

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº

56056

Barcelos

Perm.

**Obra concorrente
ao prémio "Gomes
Pereira" - 1965/CMTB**

EUGÉNIO LAPA CARNEIRO

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

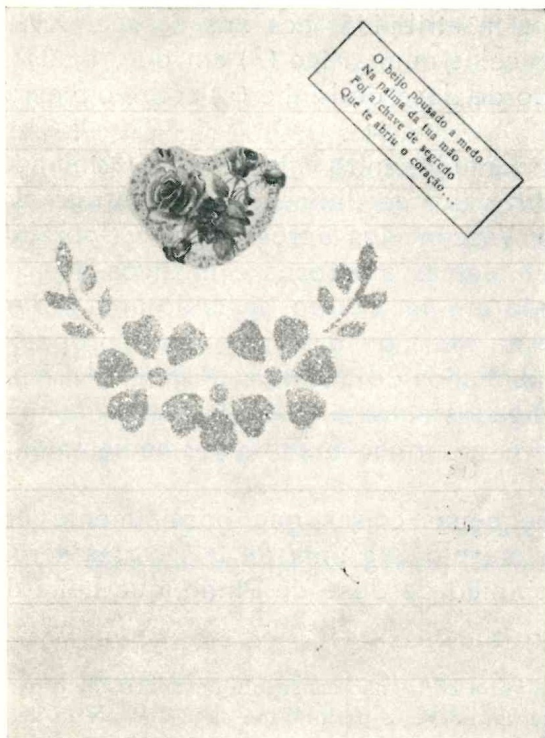
UMA CARTA DE AMOR

(SÉCULO XVIII)

7

SEPARATA DE
«O DISTRITO DE BRAGA»
BRAGA
1965

Aos Senhores
António Silva Gajo e
Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas



Folha para carta de amor, com enfeites colados e uma quadra impressa. Com o envelope respectivo custa dez tostões

Por volta de 1952, foi achada em Grimance-los, ridente freguesia deste concelho de Barcelos, uma curiosíssima carta de amor. Apareceu debaixo da pedra de ara (1) da capela particular do Coração de Jesus, mais conhecida por capela do Real. Era uma carta setecentista! A antiguidade, a raridade e a beleza do achado (impondo-se esta mesmo a olhos de leigos) deram como resultado passar ele, em pouco tempo, e sucessivamente, pelas mãos de três possuidores. O seu actual dono (2), po-

rém, não conseguiu encontrá-la, apesar das muitas tentativas que, a instâncias minhas, fez em tal sentido. Não me foi possível vê-la, portanto,

(1) O sr. Manuel Rodrigues Novais, que encontrou a carta, disse-me que ela apareceu num falso dum armário antigo, que serviu de altar numa época em que havia dois padres na casa. Todavia, algumas das pessoas a quem primeiramente deu conhecimento da carta concordam em que este senhor lhes disse tê-la achado sob a pedra de ara da capela do Real, quando fazia umas obras. Talvez por escrúpulos de ordem religiosa me tenha agora ocultado a verdade.

(2) Pertence à Sr.^a Dr.^a D. Maria Emília Torres (Barcelos). Correspondendo muito

e não estaria agora a falar dela se, pouco depois de ter sido descoberta, o distinto fotógrafo e devotado coleccionador de curiosidades barcelenses sr. António Silva Gajo não na tivesse acautelado em dois clichés, que fez o favor de me confiar.

Pondo de parte as considerações de ordem sentimental que as simples fotografias da carta podem motivar (fugindo assim à tentação das divagações fáceis, que raras vezes transcendem o lugar-comum), — o que, de certo ponto de vista, mais a valoriza é o facto de ser no género, segundo creio, um dos mais antigos documentos conhecidos. Com efeito, entre as cartas de amor populares (1) que encontrei na nossa bibliografia etnográfica, as mais antigas eram, exactamente, dos fins do séc. XVIII, ou antes: foram atribuídas aos fins do séc. XVIII. A elas se refere Leite de Vasconcelos num artigo (2) em que, muito à sua maneira, comenta um estudo de José de Pinho (3) sobre o mesmo assunto.

Uma grande diferença há, contudo, entre estas e a de Grimancelos, diferença que faz aumentar o valor da última: As cartas que alegam José de Pinho e Leite de Vasconcelos apresentam-se dobradas numa forma especial, e têm emblemas amorosos e místicos que, ao desdobrá-las, se vão patenteando um após outro, segundo uma ordem que obedece ao encadeamento da ideia ou da lição moral proposta. Todos os emblemas são acompanhados de quadras alusivas (4), e alguns deles, se não todos, estão ligados entre si ainda de outra maneira: parte de cada um contribui para a formação do que imediatamente se lhe segue.

Não cabiam pois aí as pequenas coisas que normalmente enchem uma carta; pode-se dizer mesmo que uma de tais cartas servia para qualquer namorado. Na opinião de José de Pinho, que Leite de

gentilmente às diligências que fiz para ver a carta, não conseguí descobrir-lhe o paradeiro. Faço votos para que tal aconteça em breve, e permito-me sugerir a oferta desta peça a um museu etnográfico.

(1) Por se desconhecerem os nomes dos namorados da carta de Grimancelos, nada posso adiantar quanto à categoria social do seu «autor»; mas sem dúvida que o molde dela é popular, e isso é o que importa para o caso.

(2) *Cartas de Amor*, in *Portucale*, vol. II, Porto, 1929, pp. 3-6 e 50. Este artigo foi incluído nos *Opúsculos*, vol. V, Lx.^a, 1938, pp. 384-389. Também do séc. XVIII é a *Carta de hum estudante que namorou sem fruto a filha d'hum «carpinteiro»*, publicada por A. C. Pires de Lima, *Térmos Técnicos de Carpintaria (Carta irónica de namôro)*, in *Douro-Litoral*, 2.^a s., II, Porto, 1944, pp. 23-24. Para o nosso caso, tem menos interesse.

(3) *Cartas de Amor (2.º Quartel do Século 19)*, separata de *Penha-Fidelis*, Penafiel, 1928.

(4) É natural que algumas dessas quadras tenham passado a correr nas outras cartas. Em Sergipe (Brasil) foi recolhida uma que denota a sua origem:

*No abri desta cartinha, / Você vai logo encontranno
meu coração ôs pedaço, / meus óio por ti choranno.*

(Paulo de Carvalho Neto, *Cancioneiro Sergipano*, in *Revista Brasileira de Folclore*, ano II, n.º 3, Maio-Agosto de 1962, p. 65.)

Vasconcelos não contesta, e que se me afigura a melhor, eram feitas por «secretários» (1).

Ora também a carta que apresento é, a meu juízo, obra de «escrevente». Há coisas nela que assim me levam a supor. Por exemplo: o facto de as duas primeiras páginas, as de decoração mais trabalhosa, serem impessoais, isto é, se adaptarem à generalidade dos casos amorosos. Certo que na segunda página vem a data, — mas aquele bocado de papel podia o «secretário» deixar em branco até lhe surgir cliente.

Abro aqui um parêntesis para lembrar que talvez ao costume de enfeitar as cartas com desenhos e aguarelas se deva uma contribuição importante na difusão de elementos decorativos e de símbolos utilizados nas mais variadas manifestações da arte popular: bordados, olaria, etc.. O declínio deste costume associa-se à gradual extinção do analfabetismo e à vulgarização das folhas de carta com enfeites impressos e colados, que os namorados das aldeias minhotas continuam a gastar. Acabados os «escreventes», ainda se manteve por mais algum tempo. Cardoso Martha publicou uma carta de amor, de 1919 (2), feita pelo próprio que a subscreve, e que, além da «cabeça», tem toda uma página cheia de desenhos de acentuado sabor barroco. Daí em diante, entre as cartas que vieram a lume, e de que obtive conhecimento, não aparecem mais que uns rápidos símbolos. Essa fineza de sensibilidade pedia lazeres, e o progressivo aumentar de solicitações vai pondo de parte os trabalhos de pachorra.

Uma trova recolhida no Algarve, e publicada em 1910, assim nos mostra as cartas de amor:

*Lá te mandei uma carta / Toda cheia de felores,
Bordada aos passarinhos, / Cantando versos de amores* (3).

Como disse atrás, infelizmente não examinei o original da carta de Grimancelos. Segundo me dizem, o formato era aproximadamente o duma folha de almaço (35 linhas). Nas aguarelas dominavam o ver-

(1) Sobre «secretários» ver dois artigos meus intitulados *Os «Escreventes»*, no suplemento *Cultura e Arte de O Comércio do Porto*. Um saiu em 12-1-65, e o outro, até à data da entrega deste original, ainda não foi publicado.

(2) *De Uma Carta de Namôro*, in *Portucale*, vol. II, 1929, pp. 47-48. Cláudio Basto, *Cartas de Amor*, in *Portucale*, vol. X, 1937, pp. 122, 125 e 184, reproduz alguns desenhos frustes e banais, de cartas escritas entre 1935 e 1937. Ao todo, Cláudio Basto deu à estampa onze cartas (pp. 20-25, 120-128, 180-186). Além destes e dos indicados nas notas 2 e 3 da pág. anterior, publicaram cartas de amor populares, que eu saiba, mais os seguintes autores: Fernanda de Matos Cunha, *Notas etnográficas sobre Barcelos*, Porto, 1932, pp. 69-70; F. C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, vol. I, 2.ª ed., Porto, 1942, pp. 119-121; F. C. Pires de Lima, *Cartas de Amor*, in *Mensário das Casas do Povo*, ano II, n.º 16, Outubro de 1947, pp. 12-13.

(3) A. Thomaz Pires, *Cantos Populares Portuguezes*, vol. IV, Elvas, 1910, p. 551.

melho e o azul, mas falam-me também do verde, do amarelo, etc.. Nada mais consegui averiguar, e a descrição que se segue baseia-se, por conseguinte, nas fotografias.

A primeira página apresenta uma cercadura de ramos floridos, em cujos vértices e meios dos lados há oito corações, dentro dos quais se vêem, por ordem, as letras: A, M, O, R, F, I, R, ME. A carta começa, então, por este protesto: *AMOR FIRME* (1). A superfície envolvida pela cercadura está dividida, transversalmente, em três rectângulos:

No de cima vemos um estilizado coração chamejante e asseado, gotejando, e sobre ele um verso, ainda hoje corrente, que faz o papel de dedicatória ou de mote: *AQUI, TENS, MEU, CORACAO*; dentro vem a «glosa»:

*AQUI TENS
omeu coração cheio
de Grande Tristeza não
ha Estante nem hora
que não Esteja
cheio de
huma á
flicão
&^a*

À esquerda — uma jarra de faiança, e à direita — um cestinho, ambos com flores. Junto da base, quatro flores soltas preenchem os vazios.

O rectângulo do meio é quase todo ocupado por um navio de velas enfunadas, e com a bandeira nacional desfraldada. Ao leigo na matéria, mete-se pelos olhos dentro a «cabeça-de-proa». Arrasta um barquito, e tanto um como outro são visíveis de alto a baixo, navegam em seco (2).

(1) Cf. com a seguinte trova:

*Meu amor, quando eu morrer, / na minha campa vai pôr
uma letra em cada canto: / A-M-O-R — Amor.*

(F. C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, vol. I, 2.^a ed., Porto, 1942, p. 81.)

(2) O navio teria apenas uma função decorativa, ou, mais do que isso, valeria como símbolo? Embora me incline para a primeira hipótese, não me esqueço de que teve bastante voga, há anos, pelo menos na Póvoa de Varzim, uma canção brejeira de que retenho na memória estes dois versos: «O meu corpo é um barquinho / para o homem navegar». Cirlot (*Diccionario de Símbolos Tradicionales*, Barcelona, 1958, p. 307) refere-se à assimilação entre barco e corpo humano. Mostra-se claramente, se bem vejo, essa assimilação na seguinte quadra:

*¿ Como queres que navegue / un navío pol-a calma?
¿ Como queres que resucite / un corpo que non ten alma?*

(Víctor Lis Quiben, *Cancionero médico de Galicia*, in *RDTP*, t. XX, caderno 3.^o, Madrid, 1964, p. 343.)

O assunto é complicado... Basta ler o artigo *Nave* do *Diccionario* para chegar a esta conclusão.

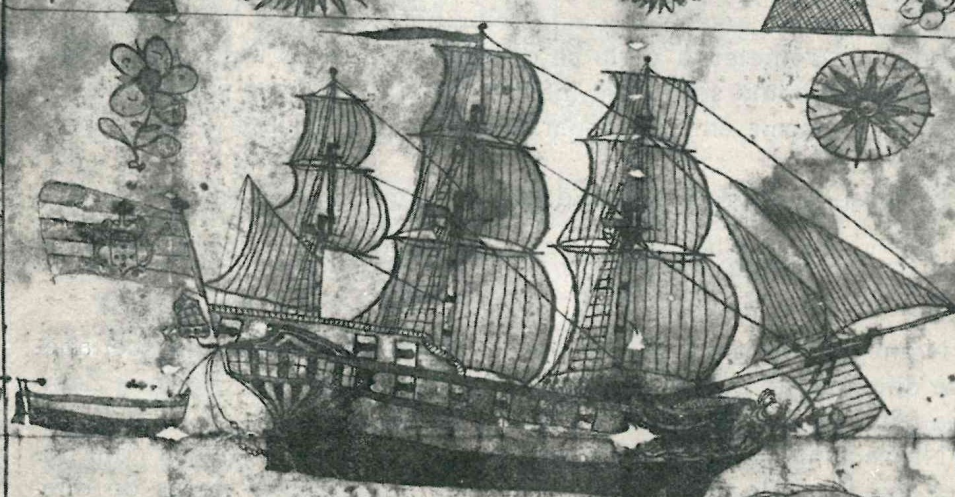
AQUI TENS MEU CORA

CAO

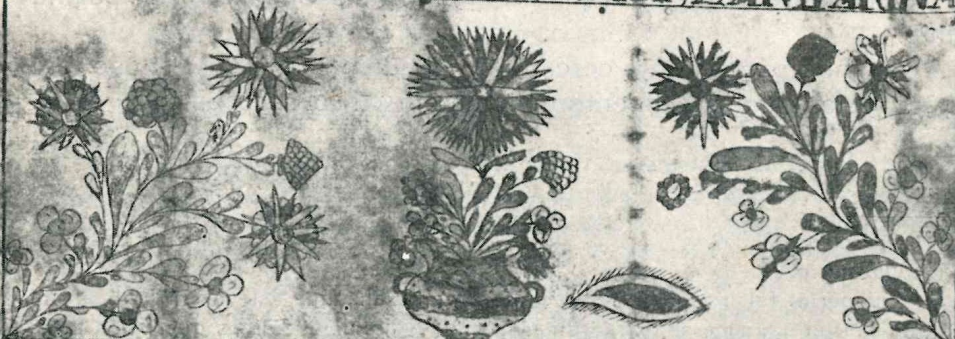
AQUI TENS

*meu co
de grande
sa Et tanta
quã nã se
põde de*

*Talã de
trã de
sem hora
de*



NOSA SNRA DA GLORIA ZAMPARINA



Não obstante estar por representar o elemento líquido, adiante do navio encontra-se um estranho animal, que lembra um dugongo. Teria falhado o desenhador ao querer colocar ali uma sereia? Faço a pergunta porque a sereia, conforme diz Leite de Vasconcelos (1), era um dos motivos mais frequentes nas tais cartas de amor.

No alto, à esquerda — uma flor, e à direita — uma bússola. Numa das cartas que José de Pinho estudou, junto da bússola liam-se os seguintes versos:

*Esta agulha que aqui vês / Serve para amariação
Aonde navega afligido / Este triste coração.*

E este autor comenta: «A agulha magnética (...) é das mais felizes criações simbólicas para designar um namorado» (2). Também nos exemplares da colecção de Leite de Vasconcelos apareciam a agulha magnética e o navio.

Houve quem, com base nestes elementos, tivesse imaginado que a pessoa que remeteu a carta se encontrava fora do País. Mas a aparência engana, como se vê. Na interpretação das coisas passadas estamos sujeitos a cair em tais esparrelas, e toda a cautela é pouca para evitá-las.

Na base deste rectângulo, de lado a lado, está escrito:

NOSA, SNR^a, DAGLORIA, ZAMPARINA

Nome da embarcação que serviu de modelo? Assim parece, apesar de dificilmente conciliáveis os dois termos: Sr.^a da Glória — Zamparina (3).

No rectângulo inferior há, ao meio, uma jarra de faiança com flores, e, de cada lado desta, um ramo de um só pé com flores de diferentes espécies; à direita da jarra vê-se ainda um olho. O significado deste relaciona-se com uma quadra que vamos encontrar na página seguinte.

A segunda página, cuja cercadura, tal como a da terceira, não tem corações, está transversalmente dividida em cinco secções.

(1) *Opúsculos*, V, 389.

(2) *Ob. cit.*, p. 19.

(3) Zamperini foi uma fascinante cantora veneziana que esteve em Lisboa, em 1770, e que causou um sucesso extraordinário, mais pelos dotes físicos que pelos artísticos. Usava os chapéus postos sempre ao lado, e por isso se diz (ou dizia) de quem usa o chapéu assim: *traz o chapéu à Zamparina*. Uma epidemia que irrompeu no Rio de Janeiro, em 1780, ficou conhecida por *Zamparina*. (António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, XI; e *Encyclopedia Portuguesa Illustrada*, dirigida por Maximiano Lemos, XI.)

Na de cima vem a data :

Hoje – 19 de Março Dia domeu Amado equerido Santo Jozé de 1795 a[...] (Abreviatura de anos, que não consigo decifrar.)

A secção imediata apresenta-se, por sua vez, dividida longitudinalmente em três partes, cada uma com sua trova :

*Aqui tem Este Rami
nho que dam.^a mão.
se lhe ofrese perdoe
p.^r não ser couza co
mo vm.^{co} (¹) Mereçe*

*Aqui tem meu
coração Com hum
a seta metida
saiba que p.^a mor
desi trago aal
ma constrangida*

*ominha bela filena
Euja Estou p.^a fenecer
Aqui tem estes meos olhos
Pois não tenho mais que
lhe ofereçer &^a*

A seguir, sob cada uma das quadras, e ilustrando-as, vê-se um par de namorados; ele oferecendo a ela: um raminho, depois um coração atravessado por uma seta, e finalmente um olho.

A quarta secção, que abre com um grande A floreado, do qual pende, numa das suas extremidades, um coração, diz :

*ASim Como Vejo o dia nafalta do sol luzente
Asim Eu vivo Auzente dessi (²) Sem ter Alegria
Pella ssua Compa[n]hia Ando Sempre ssuspi[r]ando Mas*

(1) Ao começar o séc. XIX ainda se dava o tratamento de *Vossa Mercê* mesmo a pessoas de respeito. (Francisco Jozé Freire, *Secretario Portuguez ou Methodo de Escrever Cartas*, Lx.^a, 1801, passim.) Em meados do séc., não só soava mal ao ouvido como provocaria a «hilaridade de todos». (M. A. S., *Secretario Universal Portuguez, ou Methodo de Escrever Toda a Especie de Cartas*, Lx.^a, 1849, pp. 16-17.)

(2) O uso dos dois tratamentos — *tu* (aqui tens...) e *vossa mercê* — é argumento a favor da atribuição da carta a um «secretário». Aqui lê-se «de ssi», mas percebe-se que houve emenda, e que por baixo estava «de ti». Onde, adiante, se lê «Verias qual foi aMaço», estava «Verião...». Esta correcção não concorda com a outra (talvez por lapsos), mas mostra também que o «secretário» reviu a escrita para uniformizar o tratamento, de acordo com o que o cliente pretendia.

Hoje 19 de Maio Grande Amado quarta-feira
de 1752

Aqui tem este Pano
que dam' mais
de theopere p' do
mas ser l'ca do
ma' 4m' d'v'ce

Aqui tem meu
Covado com hum
a l'ca me lida
ser ba' que p' sur
dei' trage real
malconst'ngida

om' n'la beba f'lena
cuzo' l'ca p' f'p'ca
Aqui tem este meu
Pau' nas l'nd' may que
p' d'v'ce



Seu l'ca de p' d'ca n'p' l'ca de p' l'ca
com l'ca de p' d'ca n'p' l'ca de p' l'ca
de p' d'ca n'p' l'ca de p' l'ca
de p' d'ca n'p' l'ca de p' l'ca
de p' d'ca n'p' l'ca de p' l'ca



este Pano Amado destes Meus v'ly na q'ca
Verão qual foi a Magua que teve de l'ca
Porque sem Nama se'ca de Munda p'ca
p'ca de l'ca de l'ca de p'ca de p'ca
Porque o com' l'ca de l'ca de l'ca

como vm.^{co} *Uai disfarcando e eu ando no retiro Ai meu bem*
p.^r quem suspiro *ADeos Amor athé Qu[ando] Ai Ai*
aD.^s aD.^s aD.^s

E a quinta, cuja capitular é também floreada :

Sese Pudese Apanhar destes Meos olhos a ágoa
Verias qual foi aMagoa que teve de [m]e auzentar
Porque sem Nunca secar de Minha pena chorar
pois ando sempre chorando por ssi o doce filena
Por quem õ com q.^{ta} Penna Ando Sempre sus
pirando

Lamentavelmente não podemos conhecer na íntegra o texto da terceira página, em virtude das falhas do papel nas dobras. As voltas que a repariça deu à carta, antes de a ter colocado sob a pedra de ara! Já então a saberia de cor!, apesar de ser analfabeta (ou por isso mesmo), como se depreende da referência ao secretário, que se vai ler (1). Talvez o original permitisse uma mais completa transcrição; tudo depende, neste particular, do modo como tenha sido tratado. Desgraçadamente, nos dois sítios onde as falhas atingem maior extensão parece que vinham as únicas referências que nos habilitariam a saber algumas circunstâncias concretas do viver dos dois amantes.

Desvello domeu Centido

m.^{to} *Dezejarei que Estas Duas Letras Achem avm. Com hua vigorosa saude Em Comp.^a do seu desvello pois am.^a hé m.^{to} boma p.^a se ocupar em Empregos de seu Cerviço aquena da faltarei Como seu Eminente Escravo q̃ a vida lhe Dz.^a p.^r m.^s Anos p.^a que na pose delles se logre do melhor bem q̃ o ceo lhe tem Distinado.*

Cá recebi *Asua Estimada e do meu C. Dezejada q̃ m.^{to} Satisfeito fiquei p.^r nella me dizer que posohia boma Disposição ejuntam^{te} m.^{to} me ademiro das Suas Letras em.^{to} admirado fiquei p.^r os seos Bemguinhos pois me parece que Eu não sou Ademetido p.^r sem.^e modo Em Sem.^e tribunal p.^r muitas vias apr.^a p.^r que o Ceo me Esta declarando am.^a Sigña aoutra p.^r que p.^a mim não Convem as fortunas mas sim as im fortunas eacim parece me que anosa vista Sóm.^{te} foi Pena p.^a omeu Coração o mais pelo Contrario porem am.^a alegria he som.^e Em com Siderar q̃.avm.^{co} Sempre aquellas chamas mais vivas emais Ardentes lá do Centro do C. que se lhe não desa Reigarão. eesa he aconsolação que tenho porem acim m.^{mo} Em meu Coração Existe hua Pena [...]a[...] (2) mim [...] vejo que me dis que Aagua [...] Em Coantidade não [...] do*

(1) Talvez soubesse ler e já arranhasse as primeiras letras. Diz a carta: «muito me admiro das suas letras» e «as suas doces firmas».

(2) Na estampa se observará com vantagem a extensão das falhas do texto.

[...] Em bem (?) Ser hum [...] Conq.^{to} na Sahida Sóm^{te} p.^a o S. Bras p.^r que Poderá aver Alg[...]^o logo no All[...] do Monte do m[...] Agora já não ha Bolota p.^a a ver ponbos [...] em Como omeu Coração Sempre foi mui to Lial e como todas as feras Sempre p.^{ro} (?) [...] jurão op[...] Leite do Seo tronco acim omeo Coração sempre bus ca aqueles [...] Afetos que dentro delle Exestirão e Como Estes Sempre Estão distantes [n]unca elle tem Alivio nem Consolação Som^{te} Sim Com aprezença de q.^m o Pauta lomea (1) ou com as Suas Doces firmas ou do Seu secretario q̃ D^s ComServe p.^r Largos Annos [...] Snr.^{as} Saibaõ (2) que Eu Existo Em m.^{to} Grande tristeza Somente por conSid[er]ar que hua fugida foi a cauza de os meos Malles todos pois mi lhor fora que nos não visemos Escuzava Eu de viver tão triste pois não ha Estan[te] nem hora que Eu não Esteja Com os olhos nadando Em Agoa Pois ba[s]tantes penas me cauzão as novas desta T[...]ão pois Só Considero hir e não [t]ornar Como m.^{tos} [...] pasado e Estes [...] me (?) chegarão as noticias que Esta[v]ão Aganhar Dois tostoins a [...] a fora que há m.^{ta} Guerra com ofrançes (3) Se D.^s quizer brevem.^{te} omundo tera o seu Resto pois isto acim adeclina Esta he oresto q̃. lhe Escrevo pois vm.^{ces} bem podem Entender que q.^m não. tem Azas não. boa (4) Eu como temerario no q̃. pode vir aSer dofeturo não me quero Expor a Ser notavel aobra Porem Sempre pode ficar na certeza que Em meu Coração Sempre Existe hum Excecivo Amor que Só amorte Sera opericsipitado fim de omeu objeto fico mostrando que Sou de UM omias menor Escravo q̃ m.^{to} bem lhe dez.^a ea dezeja ver Com huma felecidade tão feliz que vivão Sempre gostozas Em tudo q̃. lhe dis Resp.^{to}

Minha tera de 1795

Bem Sabe Quem

*

Texto e ilustrações pedem alguns comentários, e não quero deixar de fazer os que se me afiguram mais importantes.

(1) Lomea. Nomeia? Neste caso, a conjunção e ficou no tinteiro: «...de quem o pauta e lomeia...».

(2) Depois de ter aludido ao secretário (que era uma senhora), há uma como que hesitação: ora se dirige a uma só pessoa (a namorada), ora a duas (namorada e secre-tária).

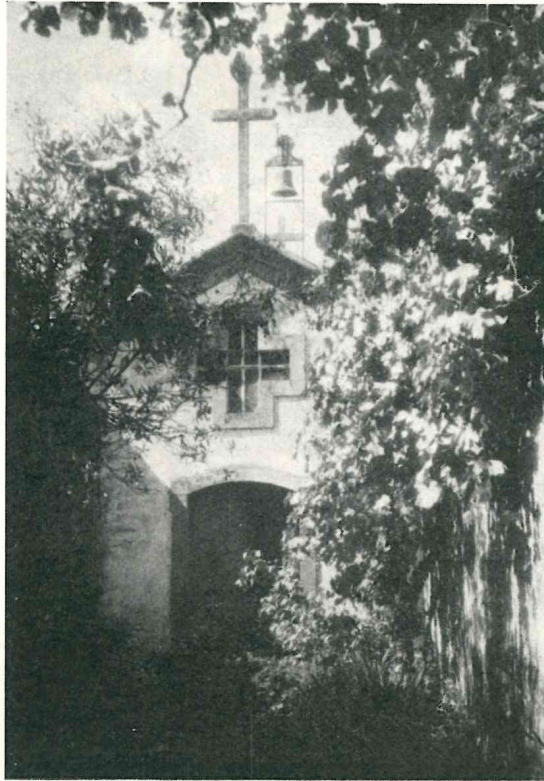
(3) Muita guerra com o Francês, em 1795. Ou se refere ao fim da Campanha do Rossilhão, ou às represálias que, depois desta, a França exerceu sobre nós.

(4) Quem não tem asas não voa. Julgo que é um provérbio. Aparece incorporado numa quadra popular:

Se o mar tivesse varandas, / Ia-te ver a Lisboa;
O mar varandas não tem, / Quem não tem asas num voa.

(Carlos Lopes Cardoso, *Cancioneiro Popular de Cete*, Luanda, 1963, p. 232. Variantes: F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, I, p. 15, e II, Porto, 1942, p. 121; Afonso do Paço, *Cancion. pop. ribatejano — Contribuição de Vila Nova de S. Pedro*, in *DL*, 5.^a s., III-IV, Porto, 1953, p. 75; Serafim Gonçalves das Neves, *Trad. Marítimas de Azurara*, in *DL*, 6.^a s., VII-VIII, Porto, 1955, p. 61; A. Santos Graça, *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, 1932, p. 195.)

Filena é o nome de uma personagem da *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros. Colaça de Clarimundo, acompanha-o desde o princípio nas suas aventuras de cavaleiro, e desempenha um papel de relevo e muito simpático, pondo à prova, em tantas oportunidades, a sua arte de tratar os feridos, ajudando a resolver situações difíceis, manifestando-se destemida, corajosa e dotada de muita inicia-



Junto duma antiga e grande casa de lavradores (as Casas Novas), comunicando interiormente com ela, fica a capela do Real. Meia abandonada, constitui um evocador cenário para a história de amor de que esta carta nos dá notícia

tiva. A actuação de Filena culmina quando se torna intermediária dos amores entre Clarimundo e Clarinda, que a ela devem o feliz remate. Finalmente, é claro, ela também se casa, com o escudeiro de D. Dinarte.

Na *Menina e Moça* há um Fileno, mas é uma figura odiosa, pois casa-se com Aónia, sem para tal ela ser ouvida, e estando apaixonada por Bimnarder. Acabam estes amores contrariados pela morte cruenta dos três personagens, quando Fileno descobre Aónia nos braços de Bimnarder.

Cuido que não ficam dúvidas sobre a proveniência da *bela e doce Filena* (1). Gozou de grande popularidade a novela *Clarimundo*, que teve, até 1795 (data da carta de Grímancelos), cinco edições (1520, ou 22 — 1553, ou 55 — 1601 — 1742 — 1791). Já Manuel Severim de Faria (1583-1655), na *Vida de João de Barros*, observa a tal respeito: «E sendo este livro fabuloso, e o primeiro parto de sua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impressões, que as outras obras e *Décadas* do mesmo autor. Donde se vê como o gosto do vulgo não se governa pela razão, senão por apetite, e que o bom de ordinário contenta aos menos.»

Talvez este reflexo da atenção com que ainda então se lia o *Clarimundo* se revista de algum interesse, particularmente para quem pretenda estudar as preferências literárias do público da época. (Ver M. Link, *Voyage en Portugal*, t. 2.º, Paris, 1803, pp. 200-201.)

Mas há mais: Se me parece fora de dúvidas que a origem da *Filena* está no *Clarimundo*, não posso deixar de dizer que em certos passos da carta julgo lobrigar um tom idêntico ao de Bernardim.

Exagerarei?

Saibam que eu existo em muito grande tristeza sòmente por considerar que uma fugida foi a causa de os meus males todos. Esta frase da carta não parece herdeira destoutra da Menina e Moça: noutra terra nasci; noutra, de muita gente, me criei, donde vim fugindo para esta despovoada de tudo, senão de só as mágoas que eu trouxe comigo? (2)

Se Deus quiser brevemente o mundo terá o seu resto (fim) pois isto assim adeclina. Também Bernardim fornece modelo para esta atitude mental: *Não sei este desconcerto do mundo onde há-de ir ter...* (3)

*

Os versos desta carta confirmam alguma coisa daquilo que se sabe a propósito da persistência e da difusão do cancionero poético popular.

Duas quadras começam pelo verso: *aqui tens meu coração*, que é ainda hoje bem conhecido.

(1) Numa obra de Bocácio aparece outro *Fileno* «cujo papel tem certos pontos de contacto com o do *Fileno* da *Menina e Moça*». (José Teixeira Rego, *Notas Sobre Bernardim Ribeiro*, in *A Águia*, vol. IX (XXIX) — 3.ª s., n.ºs 49 a 54, Julho a Dezembro de 1926, p. 24.)

(2) I Parte, cap. II.

(3) I Parte, cap. IV ; e II Parte, cap. XXIII.

Exemplos :

*Aqui tens meu coração,/ e as chaves prò abrir ;
não tenho mais que te dar,/ nem tu mais que me pedir. (1)*

*Aqui tens meu coração:/ Retalha-o cum martelo ;
Depois dele retalhado,/ Verás o bem qu' eu te quero... (2)*

*Aqui tens meu coração,/ se o queres matar podes ;
mas tu andas dentro dele,/ se o matas tamém morres (3).*

*Aqui tens meu coração,/ Fechadinho com três chaves ;
Abre-o, mete-te lá dentro,/ Que tu sòzinha bem cabes (4).*

*Aqui tens meu coração,/ Retalha-o em três pedaços ;
Um que vá, outro que venha,/ Outro que siga os teus passos (5).*

*Eiqui tés o meu corazón,/ podes facel-o pedazos,
pero é co-a condición/ que hei de morrer nos teus brazos (6).
(Galiza)*

*O méu corazón che mando/ metidiño entre dous sobres
adivirtete con él,/ que comigo ya non podes (7).
(Galiza)*

(1) F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, I, p. 42. Variantes: F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, I, p. 110; Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, *Mil Trovas Populares Portuguezas*, 2.^a ed., Porto, 1908, p. 61; C. Lopes Cardoso, *ob. cit.*, p. 240. Esta quadra está mesmo muito difundida, e, na bibliografia ao meu alcance, verifico que existe na Galiza, e chegou aos Açores e ao Brasil: V. Lis Quiben, *loc. cit.*, p. 350; Veríssimo de Melo, *História de amor em quadrinhas*, in *DL*, 5.^a s., III-IV, Porto, 1953, p. 126; Gastão de Betencourt, *O Folclore no Brasil*, Bahia, 1957, pp. 39-40; P. de Carvalho Neto, *loc. cit.*, p. 65. Outras variantes já foram indicadas por Cláudio Basto, *Bordados de Viana-do-Castelo*, in *Portucale*, vol. IX, 1936, pp. 124-125.

(2) F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, II, p. 17. Variantes: F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, I, pp. 57 e 109; C. Lopes Cardoso, *ob. cit.*, p. 240; A. C. Pires de Lima, *O Cancioneiro de Cinfães*, in *DL*, 3.^a s., II, Porto, 1948, p. 8; Afonso do Paço, *loc. cit.*, p. 80.

(3) A. C. Pires de Lima, *A linguagem e o folclore de Entre-Douro-e-Minho*, in *DL*, 1943, VI, p. 61. Variantes: A. C. Pires de Lima, *O Cancioneiro de Cinfães*, *cit.*, p. 8; Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, *ob. cit.*, p. 60; C. Lopes Cardoso, *ob. cit.*, p. 156; V. Lis Quiben, *loc. cit.*, pp. 350 e 385.

(4) Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, *ob. cit.*, p. 51. Variantes: Laureano Prieto, *A cantiga na Gudiña (Ourense)*, in *DL*, 4.^a s., I-II, Porto, 1950, p. 86; V. Lis Quiben, *loc. cit.*, pp. 350 e 351; Cláudio Basto, *loc. cit.*, p. 126.

(5) Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, *ob. cit.*, p. 54.

(6) V. Lis Quiben, *loc. cit.*, p. 386. Variantes nas pp. 336 e 351.

(7) V. Lis Quiben, *loc. cit.*, p. 350.

Caso mais notável é, porém, o da trova :

*Aqui tem este raminho/ que da minha mão se lhe oferece
perdoe por não ser cousa/ como v. m. merece.*

Desta conheço as três variantes seguintes :

*Aqui tem, menina, este ramo,/ Que da minha mão se oferece :
Não é como eu desejava/ Nem como a senhora merece (1).
(Barroso. 1859)*

*Aqui tem este raminho/ Que da minha mão se oferece :
Não é como eu queria/ Nem como o senhor merece (2).
(1882)*

*Tome lá este raminho;/ da minha mão se lhe oferece :
não é como eu queria,/ nem como o senhor merece... (3)
(S. Simão de Novais. 1924)*

É interessante verificar que no Barroso a quadra tinha (muito provavelmente já não tem) um uso cerimonial: diziam-na as donzelas ao oferecer os seus presentes à noiva, e batia certo porque os presentes constavam de flores e doces dispostos em forma de pirâmide. Se aqui se cumpriu a lei da imitação que diz «o inferior imita o superior», a quadra deve ter corrido primeiro em cartas (feitas por «escreventes» da cidade, como era, com certeza, o da nossa carta), desempenhando a função que desempenha nesta, e ter sido adoptada depois pela gente de Barroso (4).

Tenho por certo que as quadras da série «aqui tens meu coração...», mantidas pela tradição oral, foram criadas também para fins pistolares (5). E assim sou levado a pensar que aos «secretários» se

(1) *Alm. de Lemb.* 1859, p. 323. Cit. por Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, p. 223.

(2) Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 216.

(3) F. C. Pires de Lima, *ob. cit.*, I, p. 110.

(4) Em Matela (conc. de Vimioso), colheu Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, VII, Lx.^a, 1938, p. 749) um desafio em que foi cantada a seguinte quadra :

*Lá te mando um ramico / De dois cravos e dois goivos :
Quer eis (eles) quêram, quer não quêram, / Nós hemos de ser dois noivos !*

No fundo, tem muito de comum com as que estamos a ver.

(5) Ver a quadra da nota 4 da pág. 8. Reparar também nesta que faz parte de duas das cartas estudadas por José de Pinho :

*Aqui te ofereço estas chaves / Para abrires o meu peito
Dentro dele acharás / Um amor muito perfeito.*

deve uma boa parte da variedade e riqueza do nosso cancionero poético popular: não teriam sido apenas meros agentes de difusão, mas também criadores. O costume de escrever quadras nas cartas de amor ainda se mantém.

Quanto às ilustrações, guardo para outra oportunidade um artigo sobre o emprego do olho como símbolo amoroso. Em relação com esta carta, preparo também um trabalho a respeito da pedra de ara em práticas mágicas.

Composto e impresso na
LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.
Rua do Souto, 73 a 77 — Telef. 22604
BRAGA

MUNICIPIO DE BARCELONA
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos



56056

Uma carta de amor